



POLÍTICA OPERÁRIA

Duas Tragédias Combinadas

Tudo indica que a pandemia não está para acabar. A lentidão na vacinação vem junto à dúvida sobre se as vacinas funcionarão contra as novas mutações do corona vírus. Os países semicoloniais, como o nosso, são os que mais sofrem, enquanto os monopólios farmacêuticos se valem da guerra comercial impulsionada pelas potências, tendo os EUA à frente. Estamos diante de duas tragédias: uma ligada à crise sanitária-econômica e outra ligada à crise de direção.

A crise sanitária-econômica

A política burguesa do isolamento social fracassou. E os pobres e miseráveis, que são a maioria, foram os que arcaram com todo o peso desse fracasso. E continuam arcando por não terem acesso às vacinas. Já morreram mais de 2,5 milhões de pessoas no mundo por conta da COVID-19. Os números no Brasil estão aumentando rapidamente e ultrapassaram os 260 mil, segundo maior número absoluto de mortes no mundo. O novo fechamento parcial das atividades se deve ao avanço das contaminações, mortes e da falência do sistema hospitalar. Esse é o quadro da nossa tragédia, nós que formamos a maioria oprimida, e não da burguesia e seus governos.

A crise de direção

A classe operária e demais explorados têm se sujeitado às demissões em massa, à redução salarial, à destruição de direitos e à implantação das contrarreformas de Temer e Bolsonaro. Isso porque as direções sindicais, e também as estudantis, não têm organizado a luta coletiva com os métodos próprios dos explorados. Os burocratas em vez de defender uma

luta com independência de classe, se submeteram à política burguesa de isolamento social e fecharam os sindicatos e organizações estudantis – isso quando não colaboraram diretamente com a aplicação das medidas dos governos, como a MP936, que atacava os assalariados, ou os “protocolos” de volta às aulas presenciais.

O fechamento de fábricas, comércios e serviços prejudicam os negócios da burguesia, mas quem sofre na carne é o assalariado. As direções ocultaram esse fato. Ocultaram também o fato de que tanto Doria quanto Bolsonaro estiveram a todo momento do lado da classe dominante, nunca do nosso lado. Essas direções sindicais e estudantis desarmaram política, ideológica e organizativamente os explorados diante da pandemia.

A tarefa colocada

É preciso mostrar que o capitalismo em decomposição já não tem nada de progressivo a oferecer. É preciso levantar um programa de emergência próprio dos explorados. E isso está em choque com a política de colaboração de classe dessas direções. É preciso fortalecer as fileiras do Partido Operário Revolucionário, único que defende a política de independência de classe.

É com nosso programa de reivindicações, com nossa organização e com nossas próprias forças, que atravessaremos essa tempestade do capitalismo, e sairemos fortalecidos, para lutar pela transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social, coletiva, socialista!

É Preciso Rejeitar a Militarização das Escolas

A ALESP (Assembleia Legislativa) aprovou o projeto de lei do Tenente Coimbra (PSL), que regulamenta a “conversão” de escolas públicas em escolas cívico-militares. O projeto diz que apenas escolas com desempenho abaixo da média no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e com alunos em situação de “vulnerabilidade social” poderão aderir. Diz também que os militares não cuidarão do ensino, mas apenas da administração e da conduta. Até o momento duas escolas já foram selecionadas, uma em Sorocaba e outra em São Vicente. Mais duas estão em processo de seleção.

Em outubro de 2019, na edição 36 do Boletim Juventude em Luta, já denunciávamos a medida do governo Doria de alinhamento com Bolsonaro de buscar aderir ao programa de escolas cívico-militares. Agora que essa medida se efetiva, voltamos a denunciar o caráter repressivo dela. O que a experiência mostra é que o “ajuste de conduta” que os militares têm a fazer na escola é o de acabar com os grêmios e a organização independente de estudantes. Além disso, a militarização não resolve a miséria dos estudantes, muito pelo contrário: a polícia bate, prende e mata a juventude nas periferias e favelas.

O Boletim Juventude em Luta volta a denunciar que a polícia é o braço armado do Estado e age como defensora dos interesses da burguesia, não da maioria explorada. Voltamos a defender: nenhuma escola militarizada! Liberdade de organização para os estudantes! ■

É Preciso Acabar com a Colaboração das Direções Estudantis com os Governos

O governador João Doria (PSDB) colocou o estado de SP novamente na “fase vermelha”. Para garantir as escolas como serviço “essencial” (que não pode parar) usa a pobreza e as necessidades extremas das famílias para dar caráter assistencialista à Educação. Mas o faz simplesmente para assegurar a volta às aulas presenciais, ocultando que o verdadeiro motivo para isso é a pressão do poder econômico, em especial da rede privada de ensino. O mesmo se passa com a educação municipal.

A UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), dirigida pelo PCdoB, afirma que o retorno das aulas presenciais é urgente. Mas diz “desde que a vida das pessoas estejam preservadas”. Ora, pura conversa fiada! Na verdade, usa o mesmo argumento assistencialista dos governos para defender a volta às aulas. As entidades estadual (UPES) e municipal (UMES) seguem a mesma defesa política. A UMES chega ao ponto de divulgar que fez vistoria em escolas, junto ao secretário de educação(!), para “acompanhar a execução dos protocolos de segurança contra o coronavírus”. Colaboram com os governos e não

movem uma palha para mobilizar os estudantes. Ou seja, são direções que representam os interesses dos governos e não os da juventude oprimida.

Em seu discurso, essas direções seguem também a mesma linha corporativista, defendida pelas direções sindicais, de defesa da priorização na vacinação para os profissionais da educação. Sequer no discurso defendem a vacinação universal, que deveria começar pelos pobres e miseráveis, que nunca puderam fazer isolamento social.

O Boletim Juventude em Luta defende a independência de classe das entidades de luta em relação aos governos burgueses. Alerta para a necessidade de superar as direções burocráticas, que só servem de correia de transmissão da política da classe dominante entre a juventude, organizando uma oposição revolucionária. Que diante da volta às aulas organize a luta nas ruas juntos aos trabalhadores da educação. Que diante da pandemia lute junto à classe operária e demais explorados por um programa de emergência próprio. ■

8M: ato “simbólico” em São Paulo

Este ano, o 8 de março - Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, ficou muito aquém do que deveria, diante de tantos ataques aos explorados e oprimidos com as crises pandêmica e econômica. Mesmo sabendo que a decomposição capitalista recai com força sobre as mulheres, com o peso do desemprego, da desigualdade no trabalho, da violência doméstica, da sobrecarga pelo cuidado dos idosos, filhos, familiares, comunidades etc., a direção do ato, PT e PSOL, deliberou por não divulgar a manifestação, no intuito de “não gerar aglomeração e respeitar as recomendações sanitárias”, submetendo a ação direta às ações virtuais inócuas, como tuitos e lives. Mais uma vez rendidos ao moralismo burguês.

No pequeno ato, predominou nas falas o “Fora Bolsonaro” e a defesa do retorno do mísero auxílio emergencial de 600 reais. O POR foi o único a defender a independência de classe, a unidade da luta com os empregados e desempregados, contra o fechamento das fábricas e a estratégia da revolução socialista como única saída à opressão sobre a mulher e demais oprimidos.

DENÚNCIA: JOVEM É PRESO POR POSTAGENS CONTRA BOLSONARO EM REDE SOCIAL

No dia 4 de março, a polícia federal prendeu João Reginaldo Silva Junior em Uberlândia por postagens em redes sociais contra Bolsonaro. Outras pessoas que responderam à postagem foram citadas no auto da prisão e foram procuradas em suas casas. A lei que embasa essa ação é a Lei de Segurança Nacional, da época da ditadura militar e mantida até hoje.

O boletim Juventude em Luta denuncia essa prisão política. Alerta para a gravidade da perseguição nas redes sociais. Trata-se de uma ação repressiva do Estado burguês. As reivindicações democráticas pelo direito de livre manifestação e organização se contrapõem ao Estado policial. O movimento da juventude deve se opor a toda privação de liberdade política pela polícia, pois qualquer que seja, certamente servirá de base para novas perseguições contra aqueles que se colocam contra a classe dominante e seus governos.

Dicionário Marxista: REPRESSÃO

Repressão é a ação de força da classe dominante contra as manifestações de revolta dos oprimidos, que objetiva destruir sua força política. Ela pode se dar de diversas formas. Nesse boletim vemos duas delas.

Uma é o caso do jovem que foi preso pela polícia federal em Uberlândia por postagens em rede social contra o presidente Bolsonaro. A forma aqui é a da prisão preventiva daqueles que se opõem ao governo burguês, ou seja, de caçar aqueles que a classe dominante vê como um possível organizador da revolta dos oprimidos contra seus governos. Essa perseguição serve para garantir que o governo possa aplicar as medidas para salvar os capitalistas enquanto despeja o peso da crise em cima dos explorados.

Outro caso é o avanço da militarização das escolas, que tem objetivo de “ajuste de conduta” dos estudantes. Nessa situação, a direção da escola (militarizada) está colocada para manter os alunos na passividade e para que qualquer expressão de revolta de classe ou de tentativa de organização de luta independente dos estudantes seja impedida.

Além dessas, há diversas outras formas de repressão, como a demissão de grevistas, os processos criminais/administrativos que são feitos contra os lutadores, a repressão direta às manifestações de rua (com a tropa de choque jogando bombas, dando tiros, prendendo manifestantes etc.), dentre outras.

O Boletim Juventude em Luta denuncia a repressão. Chama os jovens a lutarem contra todas as formas de perseguição impostas pelos governos de plantão e diretamente pela burguesia. Coloca a necessidade de fortalecer a luta da classe operária juntos aos demais oprimidos contra o sistema capitalista, que é a fonte de toda forma de violência reacionária, fonte da miséria e penúria das massas.